

ENSAIO**A REPRESENTAÇÃO DE PAI EM LACAN E WINNICOTT**Adalvo da Paixão Antonio Costa ¹**RESUMO**

O pai é um personagem importante e necessário para o filho, tendo um lugar na vida deste, ausente ou presente, mas representando o homem que possui o sentido da lei. O texto em questão aborda a identidade e representação de pai, seus nomes e o lugar que ocupa junto à mãe e na vida do filho. De cunho bibliográfico, o estudo baseia-se nos escritos de Lacan e Winnicott, cujos conceitos são extremamente pertinentes para a compreensão do tema. Na contemporaneidade, os novos modos de composição da família e as questões relativas ao pai suscita a exigência de igualdade e põe em discussão o poder do pai, o valor de seu nome e de sua palavra.

Palavras-chave: Pai, Identidade, Representação, Lei do pai.

ABSTRACT

The father is a major character and necessary for the child, having a place in this life, absent or present, but representing the man who has the sense of the law. The text addresses the issue of identity and representation father, their names and the place occupied by the mother and the life of the child. Imprint literature, the study is based on the writings of Lacan and Winnicott, whose concepts are extremely relevant for the understanding of the topic. Nowadays, the new modes of family composition and issues relating to the parent raises the demand for equality and puts into question the power of the father, the value of your name and your word.

Keywords: Father, Identity, Representation, Law's father.

¹ Doutor em Educação; Professor Pesquisador da Faesa; Mestre Reiki; Psicanalista Clínico. E-mail: [HYPERLINK "mailto:adalvocosta@terra.com.br" adalvocosta@terra.com.br](mailto:adalvocosta@terra.com.br)

A mão forte que segura na mão para ir adiante e apoiar quando for preciso; que embala o balanço no prazer do lazer e das brincadeiras; que sustenta a bicicleta no ensino-aprendizagem do equilíbrio na vida; que enleva no suave acalanto dos sonhos de paz; que corrige e impõe as normas e regras necessárias à vida. Mão forte que representa a presença do pai, que mesmo não sendo uma presença operante, continua sendo a presença, física ou não, competente e cumpridora ou não, de suas funções paternas, mas existente na história de cada um.

Para a discussão sobre quem é o pai, e quais as funções que ele desempenha enquanto pai, recorreremos aos estudos de Donald Woods Winnicott (1896-1971) e Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), cujas discussões mais se aproximam da proposta deste estudo, na abordagem da figura paterna que influencia e serve como referência ao filho, em seu desenvolvimento socioeducacional.

Ao se tratar da identidade, é preciso pensar na lógica da identidade, uma lógica que leve a pensar para além do verdadeiro e do falso, do certo e do errado, das diferenças que se estabelecem e nem sempre são percebidas. Se há a falta de compreensão do que é apresentado, não há como reconhecer a sua identidade. A lógica da identidade leva ao suplemento, ao que acrescenta, ao que agrega algo àquilo que já é completo em si mesmo, para complementá-lo.

Quando pensamos a relação entre Winnicott e Lacan a partir da lógica do suplemento, podemos tomar como ponto de partida, a simples oposição: pai (pensado como uma identidade) é uma coisa, mãe é outra. Mas, como suplemento da mãe, o pai já não é completo em si, necessita da mãe para complementá-lo. A mãe, como suplemento do pai, não é completa em si, nem existe por si. Quando a mãe o complementa, ele passa a ser outra coisa, e vice-versa. É assim que um enunciado paterno pode vir a ser suplementado pelo materno, que acaba por lhe dar um outro significado, quando compreendemos que o suplemento é tanto “adição” quanto “substituição”. O suplemento obedece a uma estratégia. Ser adição significa o acrescentar alguma coisa a algo já completo, ainda que ele não possa

ser completo se necessita de uma adição. Algo é completo e recebe uma adição. Necessitando de uma adição, ele não é mais completo.

O estudo do pai na contemporaneidade estimula um olhar ao passado, em busca de informações sobre esse personagem que nos dias atuais se apresenta desempenhando um papel, em muito, diferente de tempos não tão distantes. No período chamado antiguidade Deus e o pai eram a Referência, havendo uma forte relação representacional entre eles, pois um representava o outro, alimentando sua imagem mutuamente onde quer que se fizesse necessário. O pai era o responsável para responder diante de Deus e somente para ele, Deus se manifestava, enquanto mediador entre Deus e os outros.

Com o poder que lhe pertencia, o pai tinha seu lugar assegurado pelas Leis jurídicas e religiosas, e esse lugar não poderia ser questionado, assim como a ele cabia designar lugares para os outros. Enquanto Senhor político e religioso ele tinha a autoridade, existia antes dos filhos, tinha o direito sobre os filhos, aos filhos e dos filhos. Seu grupo familiar não era sua condição, mas dele derivava. Tinha todas as garantias asseguradas, era o dono da Lei, e sua palavra era a primeira e a última, por ser absoluta.

Nessas condições, o pai não se submetia às inconveniências que por ventura surgiam no cotidiano, estando acima de tudo e de todos, como referência de autoridade detentora do poder em todos os sentidos.

A referência paterna, que se estendia a domínios bem amplos em tempos idos, reduziu-se ao espaço restrito da família nuclear, deixando de apresentar a grandiosidade paternal, semelhante aos reinados de outrora. A figura de soberano onipotente cedeu lugar a uma referência de humano, de alguém passível de falhas e erros mas, ainda assim, alguém com representação junto aos seus. Atualmente “o pai acha-se numa posição metafórica, na medida e unicamente na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei” (LACAN, 1999, p. 202).

Nesse sentido, podemos encontrar em Winnicott (1982a) que o pai é necessário para dar à mãe o apoio moral e para ser um esteio para a sua autoridade materna, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida do filho. A lei do pai faz-se presente para sustentar a lei da mãe. O autor diz ainda que o filho precisa do pai e de sua lei como referências, por causa de suas qualidades positivas e das coisas que o distinguem de outros homens, bem como da vivacidade de que se reveste a sua personalidade, enquanto influência na formação do próprio filho.

O sentido da lei do pai, para os dois autores, é o de legitimação e complementação do trabalho da mãe e, ao mesmo tempo, de projeção no filho, de sua autoridade de pai e de adulto, que convida ao amadurecimento e ao conhecimento das coisas do mundo. O pai, nessa função, não age como substituto da mãe, mas como a terceira pessoa de uma relação, que também pode cuidar e dar carinho, como também ser uma referência com identidade própria, enquanto ser social.

Se os cuidados da mãe preparam o filho para a vida em família, as intervenções do pai o tornam capaz de viver em sociedade, como sujeito de pleno direito, como cidadão ao mesmo tempo responsável e ciente de sua dignidade. Com capacidade de reivindicar e fazer valer os seus direitos em público, sem se intimidar quando da necessidade de um gesto mais rigoroso em suas atitudes (WINNICOTT, 1982a). Para o autor, o pai entra na vida do filho como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível. Alguém que pode ser temido, odiado, amado e respeitado; aquele capaz de sobreviver, castigar e perdoar. Assim, aquele que pode ser odiado, pode se defender como também pode ensinar a se defender.

A concepção de paternidade endeusada de outrora dá lugar, na sociedade atual, ao questionamento das hierarquias, em que as desigualdades são postas na balança. Cada indivíduo tem o mesmo valor que outro, pois ninguém deve ser superior ao outro. Esse modo social de ser estende-se às várias relações, inclusive à relação entre pais e filhos. Os papéis tradicionais dentro da instituição familiar sofrem dissolução progressiva de autoridade, sugerindo o estabelecimento de uma emancipação precoce daqueles que ainda são dependentes. A palavra do pai, que

em outros tempos era a última, por ser a lei, passa a ser questionada e, quando muito, solicita o diálogo.

A questão contemporânea do pai suscita a exigência de igualdade e põe em discussão o poder do pai, além do valor de seu nome e de sua palavra. Em Lacan (2005a) discute-se a essência e a função do pai como Nome. Considera ele que o pai não é apenas um, mas vários, já que é possível reconhecermos as funções de genitor, provedor e educador, por ele exercidas, dando à prole um nome e legislando sobre as regras de aliança e filiação. E ao elaborar sobre o Nome-do-Pai, ele marca a dimensão do homem que está implícito no nomear - n'homear - e diz que os nomes do pai são: Real, Simbólico e Imaginário.

O Pai Real tem como função interditar o gozo absoluto, dando ao filho a castração simbólica, empurrando-o para sua destituição enquanto falo imaginário da mãe. Este pai Real será encarnado pelo pai da realidade, que na vida da criança pode ser um ou vários. Portanto, sua instância é o pai da realidade, o pai como um ser normal.

O Pai Imaginário é construído a partir do imaginário infantil aliado ao imaginário cultural e terá como suporte o pai da realidade. A função do Pai Imaginário é, fundamentalmente, a de privar o sujeito do falo simbólico, que a partir de então estará sendo atribuído ao pai. Este é então o pai todo poderoso.

O Pai Simbólico é aquele cuja função é a de proteger o filho da psicose, na medida em que, ao frustrá-lo em relação ao seio, oferece a língua e o nome. Será então, o mediador do mundo simbólico para a criança. É o pai como normatizador.

A busca da compreensão do pai e da sua função na transmissão – e, portanto, na educação – a partir do enredamento dos pais Real, Simbólico e Imaginário, conduz à noção do Nome-do-Pai como significante da Lei. E essa Lei, originada do pai, é o

que reforça a palavra do pai. Enquanto o laço materno decorre de uma dimensão natural, baseada na percepção e na presença, o laço paterno introduz a dimensão do que não se vê, a dimensão da ausência, pela força e crença na palavra (LACAN, 2005a).

O Nome-do-Pai tem por função ordenar os três registros e fazer com que a posição de cada sujeito na filiação e na cultura tenha um registro diferenciado, daí podendo demarcar as categorias Real, Simbólico e Imaginário como sendo as categorias em relação às quais se estrutura a experiência humana. O Nome-do-Pai permite a instauração e permanência do laço social, e tem como função manter, para cada sujeito Real, Simbólico e Imaginário, o desenvolvimento desse laço social no campo dos discursos. E no que se refere aos avanços no campo biossocial, Lacan (2005b) afirma que a introdução da pesquisa biológica da paternidade não pode deixar de ter incidência sobre a função do Nome-do-Pai. “O pai é de fato o genitor. Mas, antes que o saibamos de fonte segura, o nome do pai cria a função do pai” (LACAN, 2005a, p. 47).

Na discussão sobre o pai e a paternidade, faz-se necessário estabelecer a diferença entre a função, o papel e a pessoa do pai. Quanto à função, entende-se a ordem da linguagem e da palavra, onde sua eficácia se encontra no simbólico. No que se refere ao papel, localiza-se o imperativo social estabelecendo o lugar de onde o pai vai responder. O papel assim definido delimita um lugar de ‘bom’ ou de ‘mau’ pai no sentido do ‘imaginário’ proposto por Lacan (2005b). O pai é aquele homem a quem é designado, sob este nome - o de pai -, um papel na ordem familiar, definindo ainda como o ‘real’ da paternidade, as próprias sementes fecundantes.

No curso natural da vida, a função do pai e a função da mãe experimentam interdependências e, tanto Lacan quanto Winnicott discutem-nas à luz da psicanálise.

Winnicott (1982a) observou que a maioria das mães, principalmente aquelas mais saudáveis, após o nascimento de seu filho, fica tão afinada aos cuidados e necessidades do mesmo, que quase se tornam um só. Para o autor, a mãe dedica quase que todo o tempo aos cuidados de seu filho; fica sensível a barulhos, cheiros e mudanças, tudo isso com o objetivo de garantir ao máximo a tranquilidade de seu filhinho. Nesse sentido, a mãe se torna um grande ambiente facilitador do desenvolvimento do bebê, enquanto que o pai deverá criar condições no ambiente ao redor da mãe e do filho, para que ambos possam ter essa relação próxima de forma tranquila e protegida.

Lacan (1999), ainda sobre a função do pai, presente ou ausente, destaca que o pai recebe vários nomes, e um desses Nomes-do-Pai é o da tradição, que é o nome de um Outro ausente. Trata-se de um Nome-do-Pai que existe, mas cuja existência equivale à da causa de desejo que se remete a ele. “Finge-se que ele pede alguma coisa, vítimas, por exemplo” (1999, p. 53), para se provar que ele existe, pois é aquele que se chama de Pai, ou Senhor. Acreditando nele, algo de nós lhe é atribuído, sob a máscara do ‘pai morto’, pai que não vale nada, puro símbolo, o pai ausente, o ‘pai castrado’, aquele cuja existência é permitida pelo sacrifício do que há de mais precioso em nós, aquele que o amor faz existir (LACAN, 1999). O autor lembra também que a presença do pai no ambiente familiar não garante, necessariamente, uma função operante, assim como a carência simbólica do pai não tem necessariamente, relação com sua ausência na família.

Enquanto na teoria lacaniana o pai simbólico vem da mãe, o pai imaginário é uma construção infantil e o pai real é o que vem do próprio homem, na teoria winnicottiana, sua existência fica dispersa na existência da mãe, que é a protagonista da história, e dela deriva a aproximação entre pai e filho.

Para Winnicott (1982a), depende da atitude da mãe que o pai venha a ‘conhecer’ o seu bebê, pois ela é o pólo que prepara a ‘chegada’ do pai, e é ela que determina se

ele vai conhecer o bebê. O autor destaca que raramente o pai está em casa quando o bebê está acordado, pois passa o dia fora, trabalhando e, quando chega em casa, a esposa, mãe cuidadosa já deu banho no bebê e o colocou para dormir. À mãe é que cabe organizar a aproximação entre pai e filho. Esse trabalho pertence à função materna, que poderá organizar o banho para o momento em que o pai já estiver em casa, para que, enquanto ela cuida do filhinho, ele observe e até ajude a cuidar dele. Na opinião do autor, enquanto os pais falam sobre o filho, cuidam juntos do filho, aumenta mais o vínculo entre ambos, ou seja, o filho promove a aproximação entre os pais, solidifica sua relação, dá-lhe consistência, une corações.

Ao conversarem entre si, os pais falam do bebê, mas também falam de si e, enquanto falam, entre eles cria-se uma unidade linguística, que existe como fala. Essa fala não é apenas um meio de comunicação, torna-se um modo de existência. Segundo Winnicott (1982b), esse modo de existência cria uma nova unidade que transcende pai e mãe, enquanto unidades linguísticas.

Da fala existente entre os pais, decorre a aproximação de pai e filho promovida pela mãe que, como sabem que são competentes em sua função, podem “deixar que seu marido entre em cena, se o desejar” (WINNICOTT, 1982a, p. 128). O autor refere-se também a pais que se acham melhores que as mães nos cuidados com o filho, muito mais pacientes, por meia hora, e que logo se cansam e se afastam, enquanto que as mães o são vinte e quatro horas por dia, todos os dias.

Há também o pai cuja imagem é a de um menino crescido, que ao invés de uma esposa, pensa ter casado com uma boa mãe, a exemplo da mãe que o concebeu. Esse pai pode ser tímido, desinteressado ou prepotente, mas continua sob a proteção de uma mãe que lhe dá filhos e o deixa participar ou não de seus cuidados. Para Winnicott (1982a) esse é um mundo em que a mãe é o centro, cercada por seus filhos, enquanto que à margem fica o pai. Ele é um marginal, à letra da palavra, o que se situa mais longe do centro.

Ao contrário, um pai forte, respeitado e amado é imensamente melhor que várias qualidades maternas, com suas normas e regulamentos. É bom ter por perto um pai real, a quem o filho chega por meio do que já é, por ele, esperado. Esse pai é uma identidade reconhecida na mãe a partir de qualidades e sentimentos relativos a essa mesma mãe e, na mãe começa a experiência do pai, que se comportará de um modo mais ou menos esperado pela criança que, com isso, se sentirá aliviada. Nesse sentido, o pai não é conhecido *per se*, mas como o outro no mesmo, não-mãe na mãe (WINNICOTT, 1996).

O pai deve ajudar a mãe a se sentir bem e feliz em seu corpo e espírito, escreve o autor, que diz ser necessário um certo grau de felicidade para se ser uma boa mãe e que essa felicidade, de certa forma, depende do pai. Com o bem estar e a felicidade que o homem/pai ajuda a promover na vida da mulher/mãe, a vida se torna mais fácil para o filho também, que se mostrará mais contente e mais fácil de conduzir (WINNICOTT, 1996). O autor ainda afirma que o pai é o apoio moral e atua como um esteio para a autoridade da mãe, pois ele é um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida do filho. Entretanto, não há a necessidade dele estar ali o tempo todo, embora ele não deva permanecer totalmente ausente, devendo aparecer de vez em quando, para que o filho sinta que o pai é um ser vivo e real.

Considerando o que sustenta o autor sobre a presença e a ausência do pai, compreende-se que a autoridade do pai e o apoio dele ao que determina a mãe, não implica que ele, o pai, precise ser uma presença constante, para que se torne uma referência boa na vida do filho. A dependência absoluta que o filho tem da mãe leva ao movimento de independência gradativa e total a uma pessoa, que começa na mãe, mas tem de ser continuada no pai, com o pai e pelo pai, pois ele é constituído na mãe, e pela mãe, e é a continuidade da mãe. Na linguagem de Winnicott (1996), esse é o 'potencial maternante do pai': certos traços, na mãe, onde o pai já começaria a se diferenciar e também, onde a mãe é no pai. O pai é o elemento que diferencia e acrescenta novos elementos, enriquece o mundo do filho abrindo-lhe um

novo mundo, com suas ausências e presenças. O pai representa o exterior, o que retorna de lá, da rua, o preenchimento da saudade. É quem liga a unidade familiar à sociedade em geral.

Dos estudos de Winnicott pode-se depreender que, a partir do que a mulher/mãe necessita é o homem/pai quem deve fazê-la sentir-se feliz, tanto em seu corpo quanto no seu espírito, proporcionando-lhe companhia, proteção, cuidados, diálogo, sexo. É também o homem/pai que lhe dará apoio moral, que será o esteio de sua autoridade materna, sustentando a lei e a ordem que a mãe implanta na vida do filho. A partir do que o filho necessita, o pai tem que ser visto e sentido como um ser vivo e real e, também, como o pai objeto (a ser usado) da agressividade, além da mãe. O filho pode odiar a mãe enquanto ama o pai, e vice-versa, assim como pode também destruir a mãe no pai.

A função paterna está em estrita dependência da função materna e, se a função materna fracassa, também haverá o fracasso da função paterna, pois a mãe é o centro e é quem apresenta o pai. Se o casal - o homem e a mulher - é feliz, essa felicidade tem alguma razão que bem pode estar vinculada ao próprio pai e à própria mãe, que cada um dos dois carrega em si, e isso certamente terá efeitos sobre o filho. O pai, de sua posição marginal, inicia sua caminhada para o centro e, do equilíbrio entre os pais, produz-se o equilíbrio entre os filhos.

Para Winnicott (1996), a questão do pai está para além de ser o marido da mãe e a função materna é a de fazer a função paterna operar, para que a função materna também opere. Sobre isso, Lacan (1999, p. 186) diz que “[...] a primeira relação de realidade desenha-se entre a mãe e o filho, e é aí que a criança experimenta as primeiras realidades de contato com o meio vivo”. O autor acrescenta que, essa é uma relação pautada pelo imaginário e, se o pai entra nessa primeira realidade, ele entra primeiro para a mãe: se ele entra para a criança, entra através da mãe.

O pai, para nós é, ele é real. Mas, não nos esqueçamos de que ele só é real para nós na medida em que as instituições lhe conferem... eu nem diria seu papel e sua função de pai – não se trata de uma questão sociológica, mas seu nome de pai. Que o pai seja, por exemplo, o verdadeiro agente da procriação não é, de maneira alguma, uma verdade da experiência (LACAN, 1999, p. 186).

E a verdade da experiência está no significante sancionado, no Nome-do-Pai, que o coloca no simbólico, onde ele jamais será uma coisa qualquer.

Independente da condição do pai na realidade que se lhe apresenta enquanto pai, não podemos negar sua importância para o filho, para sua formação como pessoa no mundo e para o mundo, vindo a ser também uma referência para os que virão de si.

REFERÊNCIAS

- LACAN, Jacques. **Seminário XXII – RSI**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- _____. **O seminário: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Nomes do pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.
- _____. **O triunfo da religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.
- WINNICOTT, Donald W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982a.
- _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1982b.
- _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.